

THEATRO DE S. CARLOS BAILE DE MASCARAS



Andrades sempre bem, a despeito do frio, da noite, da má vontade do publico e de tudo mais.
 A sr.^a Cataneo, além de parecer um peixe, quando canta dá ocasião a que os *reporters* lhe veiam o *menu* completo do jantar.
 O pagem parece uma menina muito honesta, da rua dos Fanqueiros, que se vestiu de pagem para ir ao baile de mascaras — uma vez sem exemplo.

**Subscrição promovida pelos
«Pontos nos II» para auxiliar o ele-
vação d'um monumento consagrado
á memoria do eminente e desventu-
rado artista André Gill.**

Do producto d'esta subscrição, que foi de 217.250 réis, fizemos já entrega, como consta dos documentos que em seguida publicamos



Le Cri du Peuple

142, Rue Montmartre

(Logar do carimbo)

Secretariat

Paris, le 13 novembre 1887

Monsieur Xavier de Carvalho, publiciste, à l'*Illustração*, 13, quai Voltaire — Paris.

Nous avons reçu la somme de 116,70, montant d'une souscription de vos compatriots pour le monument d'André Gill.

Madame Séverine, directrice du *Cri du Peuple*, me charge de vous transmettre sus remerciements et l'expression de sus meilleur sentiments.

Recevez en même temp, Monsieur, etc.

EDM. CAMBIER.

L'Administrateur Délégué



Reçu de Monsieur Xavier de Carvalho la somme de cent seize francs 70 cent., produit de la souscription ouverte par le journal *Pontos nos II* pour l'erection d'un monument á la memoire d'André Gill.

Paris, le 11 novembre 1887.

JOHN LARUSQUIÈRE.



PAN-TARANTULA

**Canções e monologos —
LIII, Do outro lado, Meios de trans-
porte, A Pulga, a Lagartixa.**

Veja-se o annuncio na capa.



POR AHI...



O leitor conhece por força a viscondessa de... o nome não vem ao caso.

Ora se conhece!... Aquella encantadora viscondessinha, loira como uma massaroca, alta como um eucalypto, flexivel como um junco; perfumada como um junquillo e inacessivel como um cacto—a synthese, em resumo, da botanica applicada ao genero humano. elegante.

Ora a viscondessa tem

uma criada.

E' naturalmente o mesmo que acontece ao leitor, com a differença porém de que a criada da viscondessinha puxa muito para pessoa fina, ao passo que a criada do leitor não puxa naturalmente senão para o freguez da hortaliça ou para o soldado da guarda municipal.



Uma noite d'estas, a viscondessinha, regressando de S. Carlos, de ouvir o *Rigoletto*, encontrou no seu *boudoir* duas cartas tratando do mesmo assumpto: uma de Arthur, o amante effectivo, e outra de Alberto, o amante supranumerario—com probabilidades á effectividade do serviço.

Ora é sabido que, com os amantes se dá precisamente o mesmo phenomeno singular que se observa nos empregados publicos: o supranumerario, apesar da falta de vencimento, presta sempre melhor conta de si, esforçando-se mais no desempenho do serviço e marcando superior numero de graus no thermometro da assiduidade, comparativamente com o effectivo.

De forma que a carta de Arthur—o effectivo—limitava-se a pedir banalmente á viscondessinha que puzesse o signal convencionado e adoptado mais de duzentas vezes—a luz na janella da sala—caso podesse receber-o n'essa noite; ao passo que Alberto—o supranumerario—n'uma jeremiada amorosa de sete paginas e meia, terminava por insinuar a medo que, se apparecesse luz na janella da sala, elle Alberto iria a arrebrantar de felicidade lançar-se aos pés do seu idolo, a involver-lhos no tapete quente dos seus beijos apaixonados, em vez de se lançar ao Tejo frio, fornecendo aos carangueijos esfomeados um banquete verdadeiramente Balthasariano!

Esta ideia do banquete, do Tejo frio e dos carangueijos esfomeados, produziu um estremecimento nervoso até á medula da viscondessinha, ao passo que o tapete de beijos quentes lhe alastrou um calor suave, ainda muito além da medula já citada...



Arthur era o primeiro por antiguidade, não havia duvida alguma, mas Alberto tinha a prioridade no concurso, por merecimentos...

D'ahi, a viscondessinha é sinceramente catholica apostolica, e lá diz a evangelica sentença que «os ultimos serão os primeiros...»

E aqui está como a viscondessinha queimou indifferente a carta de Arthur, e, fechando cuidadosamente as janellas da saleta, foi pôr luz na janella da sala, muito alegre, muito satisfeita, muito jovial, cantando até n'uma expansão *coquette* e maliciosa, a celebre aria do *Rigoleto*, que momentos antes ouvira cantar primorosamente ao nosso querido artista Francisco de Andrade:

«La dona é mobile
Qual piuma al vento,
Muta d'accento
E di pensiero...»



O que se passou d'ahi por diante não o sabemos nós, mas o caso é que no dia seguinte, quando a criada a que nos referimos em começo d'este artigo entrava no quarto da viscondessinha, encontrou-a já acordada, com umas olheiras profundamente accentuadas, mas muito contente da sua vida e não se fartando de cantar:

«La dona é mobile
Qual piuma al vento
Muta d'accento
É de pensiero...»

A criada que, como dissemos, puxa muito para pessoa fina e tem muito bom ouvido, fixou logo a musica da aria, e, interpretando a lettra italiana lá a seu modo, sahiu do quarto da ama cantarolando tambem alegremente:

«A Dona Monica
Impina ao vento,
Muda o assento
E o pensamento...»

E, ao tempo que cantava, a gentil criadinha ia pensando de si para consigo que muito rica devera ser a tal *D. Monica*, para *mudar*, d'uma assentada, o assento e o pensamento — agora, que as mudanças estão pela hora da morte!...



Veio a historia da viscondessinha a pello, por estarmos considerando, ao começar esta chronica, que o indigena é tão *mobile* como qualquer *dona* e que, se não *impina ao vento*, muda pelo menos o *assento* e o *pensamento* com a mesma facilidade com que o fazia a *D. Monica*, segundo a opinião da criada da viscondessinha.

E é por elle mudar o assento e o pensamento, que já ninguém pensa no que se pensou na semana passada.

E é por ter passado esse pensamento e não ter vindo por ora outro a substituí-lo, que nós fazemos a chronica

da semana com a historia da viscondessinha, que apesar de não ter acontecido, foi o acontecimento mais notavel da semana decorrida...



GENTE FINA

Os nossos antepassados tinham uma paixão decidida pela coincidência. Andavam a esgaravatar coincidências por toda a parte e a coisa mais simples d'este mundo era caso para vir logo a gazetas e almanachs; com muitos ah! ah! muitos oh! oh! e muitos pontos de exclamação.

Por exemplo:

«Nasceu hontem, segunda feira, mais uma robusta menina, filha do nosso amigo F... O nosso amigo F... está profundamente impressionado com este acontecimento de lhe nascer a segunda filha n'uma segunda feira! Singular coincidência!!!»

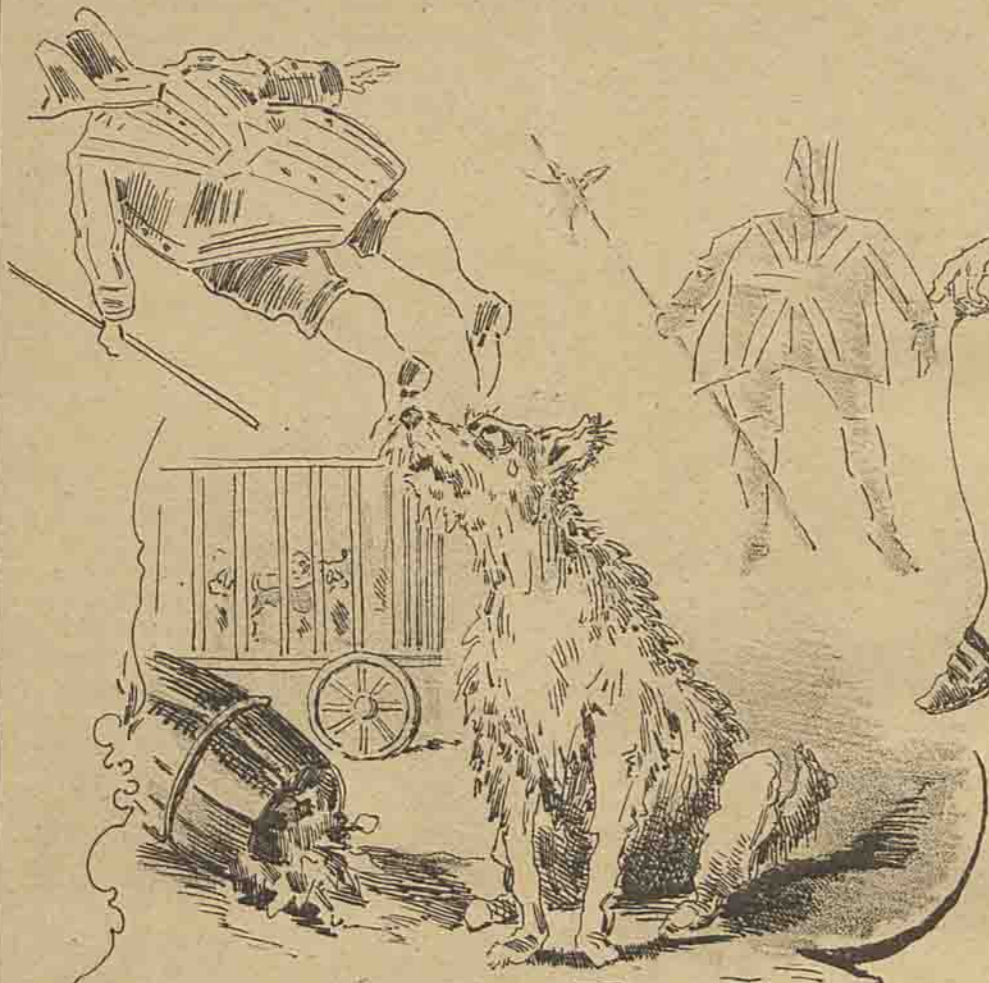
Ora o que diriam os nossos antepassados, se vissem no nosso tempo e podessem assim presenciar a coincidência que se deu agora, de chegarem a Lisboa, quasi no mesmo dia, quasi á mesma hora, dois consules portuguezes que mais sympathias disfructam no estrangeiro, dois escriptores intelligentissimos que mais nomeada gosam entre nós, dois rapazes bem postos que mais attentões despertam no bello sexo e dois *Jaymes*, enfim, que é nome pouco trivial e portanto difficilimo de se encontrar assim nos pares, como os frades, no registo de entradas de forasteiros?

Naturalmente os nossos antepassados não diziam nada, porque se lhes seccava a lingua, assombrados com esta coincidência quadrupla que lhes offerecia a chegada dos nossos bons amigos Jayme de Seguiet e Jayme Batalha Reis, os taes sujeitos que são consules sympathicos, escriptores intelligentissimos, rapazes bem postos e ambos *Jaymes*, ainda em cima, para contrapeso de tanta e tão singular coincidência!

Os nossos antepassados punham naturalmente as mãos na cabeça, de assombrados; nós, porém, não lhes imitamos o gesto, porque precisamos das mãos para apertar affectuosamente as d'aquelle par de *Jaymes*, nossos preciosos amigos.



O NOVO FARDAMENTO DOS ARCHEIROS



Os archeiros solicitaram de sua magestade el-rei que lhes permita o uso d'um novo fardamento, mais de accordo com os modernos costumes e em substituição da velha farda multicôr que anda fazendo ha uns poucos de seculos o desespero invejoso do arco iris.

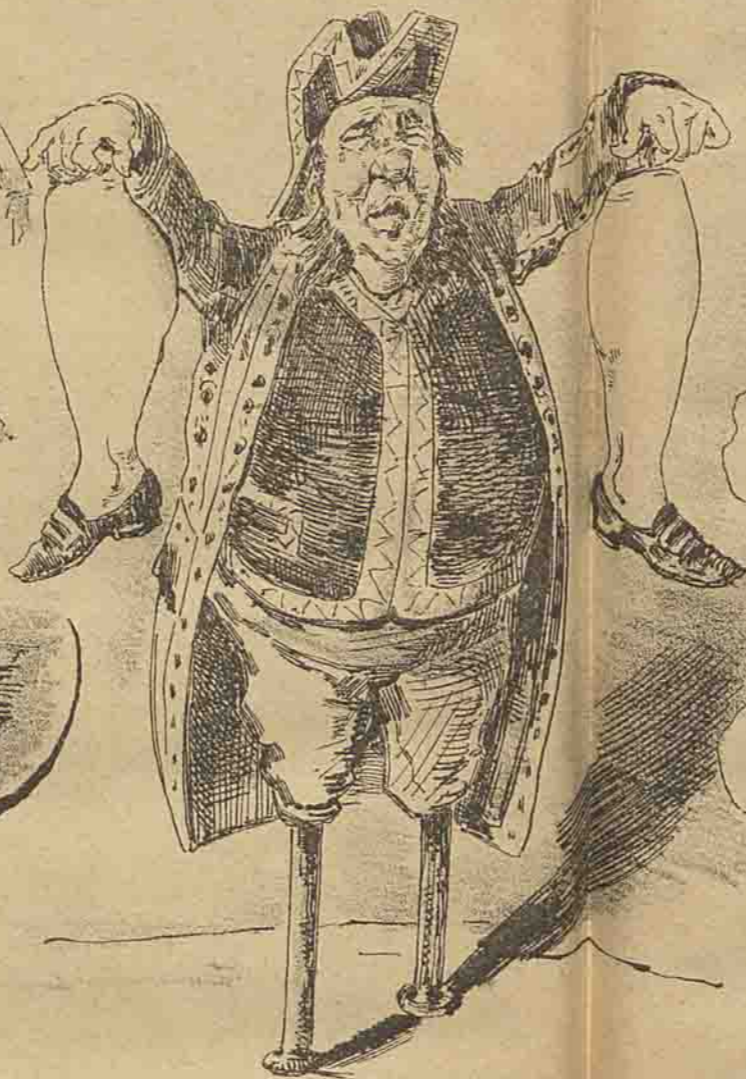
Mas esta reclamação dos archeiros vem dar logar a outras sortes de reclamações.

O *Fantoche*, aquelle cão conhecido de todos os frequentadores do *restaurant Tavares*, vaes escrever um opusculo de combate, protestando energicamente contra a pretensão dos srs. archeiros.

O livro intitula-se: *Lamentações d'um cão* e começa por estas palavras vehementes:

—Tiram-nos tudol! Uzurparam-nos o privilegio de esgaravatar nos barris do lixo, pondo-nos o açatime! Prohibiram-nos o passeio de dia, sob pena do bolo envenenado! Constrangeram-nos á reclusão nocturna, com ameaça da carroça! E, por cima de tudo isto, tiram-nos agora as *canellas* dos archeiros, que eram o refugio de nossas almas attribuladas e o rebolo onde se afiavam os nossos dentes necessitados!

E' tempo de protestarmos perante o parlamento, perante o paiz e perante a Europa dos cães civilizados!



Os archeiros de perna gorda, que faziam amostral-a por essas ruas, em dia de grande protesto, também contra o novo fardamento que, provavelmente, não lhes deixará mostrar as pernas.

—O que heide eu fazer d'umas pernas tão perguntava hontem indignado um dos mais famosos archeiros-bacalhociros do nosso conhecimento.

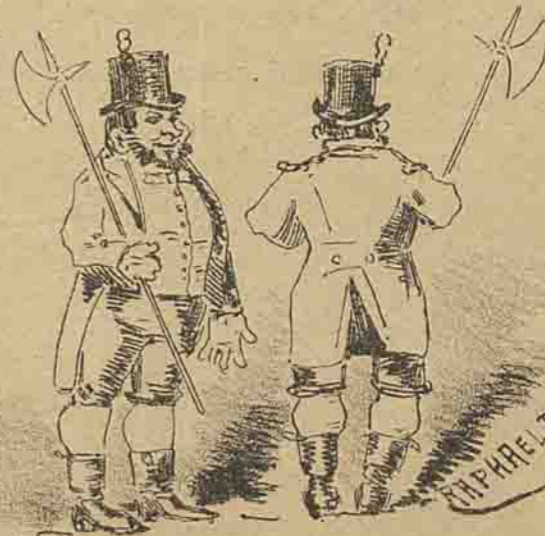


ABOBORA MENINA

—Desde criança, proseguia elle, quasi a fazer beicinho, desde criança que não faço senão comer abobora para engordar as barrigas das pernas; tenho o quintal carregadinho de aboboras, a casa mobilada de aboboras... O que querem que eu faça de tanta abobora? Ora abobora!

Pela parte que lhes toca, os archeiros de perna magra empenham-se quanto possivel pela substituição do uniforme, mas que, dizem elles, os vencimentos lhes não chegam para a compra do algodão em rama com que enchem as barrigas—das pernas.

Aqui delibera um esboço dos costumes de entre os quas será finalmente escolhido o novo uniforme dos archeiros.



PH. PIRELLO PINHEIRO

PERGUNTAS E RESPOSTAS



A pergunta que fizemos no nosso penultimo numero recebemos a seguinte

Resposta

Urgente é que venha alguém p'ra d'uma forma bem chã annullar, e annullar bem, Toda a ronha que contém essa pergunta de *Pan*:

O tal poeta, quanto a mim, era o rei dos maganões, que a bella actriz vendo assim suppunha o seu *camarim* um montão de *camarões*!

Porto.

M. CACIR.



Dêste no vinte, rapaz!
Que talento que tu tens!
Mais esperto e perspicaz
Só aquelle *Alho* sagaz,
Natural de Mata-Cães!

Tal qual, tim tim por tim tim,
Deu-se o caso como expôs...
Confesso-o, côr de carmim:
—Faz-me effeito, o *camarim*,
D'um prato de *camarões*!...

Pan-Tarantula



SCIENCIAS, LETRAS, ARTES E OFFICIOS

CA electricidade, pélo dr. Virgilio Machado.

Ha mais d'um mez que temos em nosso poder o volume d'aquelle titulo, trabalho precioso do erudito professor cujo nome é de todos conhecido. E dizemos *precioso*, não porque os nossos insignificantes conhecimentos sobre a materia de que allí se trata queiram abalançar-se a uma opinião para que não teem fóros, mas porque essa classificação lhe ouvimos dar a mais d'um espirito illustrado e competentissimo em tal assumpto.



Obolo das crianças, por Camillo Castello Branco e Francisco Martins Sarmiento.

Sobre o valor extraordinario d'esta obra falla mais eloquentemente de que ninguem o nome de Camillo Castello Branco impresso no frontespicio do livro.

Junte-se a esse nome resplandecente de gloria os nomes respeitaveis de Martins Sarmiento e de Ferreira Moutinho, e ainda os de tantos outros benemeritos, de que se compoz a commissão editora do livro, e assim se avaliará quanto pode valer, moral e materialmente considerado, esse bello volume, em cujo formoso eletuario collaboraram tão valiosas individualidades.



Os gagos, comedia em um acto, por Baptista Diniz.

Esta comedia é engraçadissima, mas a sua leitura deixou-nos a gaguejar de tal maneira que não podemos dizer nem mais palavra.



Agora fallo eu... Opusculo por Pedro Manoel Lisboa Pinto, representante das communitades da India e Ceylão.

Recebemos agora mesmo um exemplar d'esta publicação; e, como nos escasseia absolutamente o tempo para o lermos agora, veremos mais tarde do que falla o sr. Lisboa Pinto e depois fallaremos nós.



Gazeta dos theatros. Saiu o segundo numero d'esta interessante publicação, contendo, além de varios artigos curiosos, um bello retrato de Lucinda do Carmo, acompanhado da biographia d'aquella intelligente actriz.

O primeiro numero publicára o retrato de Eduardo Brazão.

A *Gazeta dos theatros* é dirigida por um rapaz muito sympathico e muito intelligente — Raphael do Valle — que necessariamente ha de sustentar aquella publicação na altura correspondente ás exigencias d'ella e aos merecimentos d'elle.

Pan-Tarantula



FÓRA DE PORTAS



O leitor que apenas conhece as Caldas da Rainha sob o prisma auriluzente da epocha thermal, quando o sol tem reflexos dourados, o campo opulencias de vegetação, a Copa bandos de elegantes e o Club quadrilhas de lanceiros com chá, piano, Pavão e tudo; o leitor que conhece as Caldas sob este prisma, mal fará uma ideia pallida

do que é agora aquella villa, sem sol brilhante, nem vegetação opulenta, nem elegantes na Copa, nem lanceiros no Club, nem chá, nem piano, nem Pavão, nem nada!



A lama de Lisboa está para um metro cubico por cada habitante, assim como a lama das Caldas está para x.

Multiplicando a lama das Caldas por cada habitante da capital e dividindo o producto pela lama de Lisboa, o leitor poderá fazer uma ideia do que é a lama n'aquella terra, mãe adoptiva do conselheiro Pim!

Ali não é o caminhante que se enterra pela lama abaixo: é a própria lama que marinha pelo caminhante acima!

E' uma lama animal, com carne e osso, musculos e intestinos, articulações e órgãos respiratorios; que tem vida, acção movimentó; que come, bebe, conversa e viaja desde as biqueiras dos sapatos aos mais elevados pincares da copa do chapéu alto!



E depois, á noite, a illuminação das Caldas representa tudo que ha de mais Jobloskoff, para uma pessoa andar a saltar pocinhas. Os candieiros são de primeira qualidade; as chaminés do mais fino crystal; o petroline da casa Macieira & Filhos—e clarificado; as torcidas...

Torcidas é que não ha... Também não se pôde attender a tudo...

Além d'isto a camara municipal não illumina em noites de luar e o conselheiro Pim anda feito com a camara na execução d'um processo, mediante o qual todas as noites são de luar.

A' noite, a virgem modesta, furta-se aos hymnos da festa... perdão! isto é do sr. Thomaz Ribeiro...

A' noite, a conselheiro Pim furta-se á bisca lambida e vae-se a passeiar na Praça, com o chapéu descaido sobre a orelha esquerda.

Quem, de longe, lhe vê o quarto direito da careca, imagina que é lua nova e por isso os candieiros estão apagados.

Nas noites seguintes o conselheiro vae endireitando o chapéu progressivamente, saindo em carola ao cabo



de quinze dias, para mostrar a lua cheia, e depois começa a inclinal-o para o lado opposto, até concluir o quarto minguante...

D'esta fórma nunca falta a lua, e por isso não fazem falta as torcidas dos candieiros.

Para substituir essas torcidas lá está o conselheiro Pim, que, se não é torcida, é em compensação torcido como o ferro d'um saca-rolhas...



À AMERICANA



Ao Fonseca das cautellas
Vem gente de todo o mundo!
De Cacilhas, do Dá-Fundo,
Do Cartaxo de Buccellas,
Jericó e Benavente;
—Mas porque vem tanta gente,
Ao Fonseca das cautellas?!

—O Fonseca das cautellas
Teve uma ideia or'ginal
Que a taluda do Natal
Vae tornar bella entre as bellas;
—De jogar ninguem prescinde,
Que a todos offerta um brinde
O Fonseca das cautellas!

No Fonseca das cautellas
Cae nobreza, clero e povo!
Casa cheia como um ovo,
Desde as portas ás janellas!
—Desde a Lapa a Santa Rita,
Toda a gente se habilita
No Fonseca das Cautellas!

João Saraiva

PROMPTIDÃO DE SAPATEIRO

(AO SAPATEIRO COIMBRA)



Sargedás entra na loja do Serapião, a encomendar um par de botas para a filha—a Euzebiasinha.

Tomadas as medidas, interroga:
—Então quando estarão prontas?
—D'aqui a oito dias...

Dez annos depois ...



Euzebia—já mãe de filhos—procura o sapateiro Serapião:
—Então as botas, quando estarão prontas?
—D'aqui a oito dias, sem falta...



Trinta annos depois, Euzebia—já com filhos homens:
—As taes botas, quando estarão prontas?
—D'aqui a oito dias, infallivelmente?



Noventa annos depois, os bisnetos de Euzebia, perguntam ao bisneto do sapateiro Serapião:
—As botinhas da bisavó, quando estarão prontas?
—D'aqui a oito dias, impreterivelmente.

PARA O JORNAL O Povo